

Prologo.

Creando a homem a imagem e
semelhanca de Deus, elle tende a
Deus com virtude de uma necessidade
intimissima. Porque, como ser racio-
nal, comprehendi perfeitamente que
se o infinito e o absoluto pode
constituir o objecto assignado do
seu ideal supremo tanto no
tempo como no eternidade.
E e, em consequencia deste ponto
irresistivel, que elle procura, nas
creaturas, realisar o seu ideal
relativo, no intuito de poder mais
facilmente attingir o seu ideal
supremo.

Infelizmente, porém, devido a
uma aberração que commença
traçoes a culpa original; in-
vertendo a ordem preestabelecida
pelo Criador, elle tende, muitas
vezes, ao seu ideal relativo, como

LM 0096

O IDEAL

B.V.

Prólogo

Criado o homem a imagem e semelhança de Deus, ele tende a Deus em virtude de uma necessidade intrínseca. Porque, como ser racional, compreende perfeitamente que só o infinito e o absoluto podem constituir o objeto adequado do seu ideal supremo tanto no tempo como na eternidade. E é, em consequência deste pendore irresistível, que ele procura nas criaturas, realizar o seu ideal relativo, no intuito de poder mais facilmente atingir o seu ideal supremo.

Infelizmente, porém, devido a uma aberração que consigo a culpa original; invertendo a ordem pré-estabelecida pelo Criador, ele tende, muitas vezes, ao ideal relativo, como se fora o seu ideal absoluto. Quantos males possam decorrer desta inversão, é bem fácil de se prever; porque, tendo Deus criado o homem para si e para a sua glória, ele acabará por deixar-se escravizar pelas paixões ou pelas criaturas, ou procurará, levado pela ambição e o renome, dominá-las, constituindo-se supremo árbitro da humanidade. Apegar-se-á, então, se tudo aquilo que de alguma sorte lhe parecer que se coaduna com as suas idéias, sem absolutamente cogitar sobre a [licitude] ou não [licitude] dos seus atos, com tanto que para atingir o seu fim. Daí, esta confusão de idéias e sentimentos que observamos no indivíduo, na família e na sociedade atual.

Capítulo I - Sobre o bem e o mau

Onde está a causa dos sofrimentos do indivíduo, da família e da sociedade?...

Eis aí uma pergunta, cuja resposta, há de necessariamente interessar a todos; porque o homem, em consequência de um sentimento inato, procura a felicidade, e devido a uma aberração, a procura de preferência nos objetos que de alguma forma o impressionam, sem se preocupar se lhe convém ou não como ser racional; porque para ele gozar e agradar são sinônimos.

Mas bem presto(sic), convencer-se-á do seu erro; porque o prazer e o bem estar, jamais o poderá colocar em condições dele poder conseguir a sua tão almejada felicidade; cujo objeto, talvez ainda ontem, ele o aflagava, e hoje, convencido do seu erro, volta a buscá-lo entre os seres que lhe parecem mais adequados às suas aspirações, completamente esquecidos do primitivo em que punha todas às suas esperanças tão cheias de ilusões.

E é assim, que qual borboleta, esvoaçando de flor em flor, passará a vida, até chegar ao termo da sua romaria aqui sobre a terra.

Além disto, este bem parcial, pelo fato de ser incapaz de contentar a universalidade de suas aspirações; ainda mesmo que em si encerrasse todas as perfeições possíveis e imagináveis, estaria muito aquém do ideal de felicidade com o qual ele sonhava. Porquanto, estando sujeito este seu ideal às transformações físicas, estatísticas e morais, só o temor de o perder ou de não ser devidamente correspondidos, bastaria para o deixar pensativo, ainda mesmo quando entrasse na posse tranqüila do objeto de seu ideal.

Depois, a posse do objeto desejado, muitas vezes, constitui o início ou dá origem a muitos males imprevistos ou suscita outros desejos, que consideramos como tantas condições necessárias para completar a nossa felicidade, sobretudo quando ao entrarmos na posse desse objeto, nos prejudicamos moral ou fisicamente, geralmente sucede.

E as conseqüências destes erros, destas mudanças, desses revezes e insucessos, contribuirão para a infelicidade não só do indivíduo, mas ainda da família por ele constituída.

E se nestas emergências, não se apelar para a Religião, bem tristes serão as conseqüências, como a experiência cotidiana no-lo atesta.

Capítulo II - O ideal

O ideal é para o homem o que a alma é para o corpo e a inspiração para a inteligência. Assim é que, onde não houver ideal, não haverá vida nem inspiração. Que é, porém, o ideal?

O ideal é aquele pensamento, aquele sentimento intenso, constante e persistente, para onde converge todas as nossas faculdades e atividades, e que, com o volver dos tempos, acabará por contribuir para nossa felicidade ou desventura.

E isto acontece quando o ser racional tende conscientemente a um objeto como se fora bom ou consentâneo à sua natureza, só pelo fato de sentir-se inclinado a ele.

E neste caso, o indivíduo poderá agir por fragilidade ou perversidade; agirá por perversidade, quando, tendo conhecimento do mal e podendo e devendo evitá-lo, deixar-se levar por ele; agirá por fragilidade, quando, reconhecendo que deve reagir, não o faz por fraqueza ou pelo mau hábito adquirido.

Daqui podemos deduzir as tristes conseqüências, que consigo acarreta um ideal fictício; porque, pelo mesmo fato do ideal representar a soma de nossa atividade e energias, é capaz de operar em nosso interno uma profunda transformação para o bem ou para o mal; o qual contribuirá para nossa felicidade ou dádiva.

E só este pensamento seria suficiente para que nós resolvêssemos a romper com ele, imolando-o, no intuito de entrarmos nessa atmosfera da graça e nela permanecemos habitualmente. Porque, fora deste ambiente celestial, nossas almas viverão como em uma espécie de agonia espiritual.

Capítulo III - Sobre o ideal e as paixões

O prazer, a diletção ou qualquer outro bem natural, conquanto lícito, não pode constituir o objeto da nossa felicidade.

Porquanto, o prazer poderá fazer o animal; porque todo ser opera de conformidade às leis que rege a sua natureza; tende à felicidade que lhe é inerente.

Ora, o animal, procurando a sua felicidade em um bem ou prazer no material, procede de acordo com as leis que regem a sua natureza; não pode, portanto, deixar de ser feliz. E esta é a razão porque, quando as suas forças não o assistem mais o faz resignado esperar pela morte; porque é preferível para ele a morte, quando se lhe torna impossível fruir do prazer que os objetos materiais exercem sobre seus sentidos.

Não acontece assim com o homem porque, convertendo esse bem relativo, seja qual for, em um bem absoluto; além de se nivelar com o irracional, ele vai de encontro ao fim pelo qual Deus o criou e o colocou aqui sobre a terra.

É impossível, portanto, que ele seja feliz como desejaria.

E não obstante isto, o homem procura o seu ideal de felicidade em um bem limitado com relação a sua extensão e duração.

É que, estamos mais perto dos objetos que lhe podem impressionar os sentidos, em um momento de fatal alucinação, tenderá a eles de preferência, ainda que, segundo os ditames da razão, só possa contribuir para sua infelicidade.

Em todo caso, pela sua natureza racional, ele está em condições incomparavelmente superiores as dos animais; porque quando chegar a reconhecer o seu erro, poderá, como o fênix, purificar-se nas chamas do amor divino e voltar ao primitivo estado pela penitência e a oração que pouco a pouco irá colocá-lo em condições muito favoráveis para unir-se internamente com o seu ideal supremo e adequado, sem que jamais sinta saudades do passado.

Capítulo IV - Sobre o ideal parcial e o universal

Se Adão não tivesse pecado, ele exerceria um pleno domínio sobre si, porque, confirmando no estado em que havia sido criado, só tenderia ao bem, porém, tendo pecado, a sua vontade, como a de todos os seus descendentes, apesar de tender ainda ao bem e de permanecer livre como outrora, não obstante isto tende muitas vezes ao mal como se fora um bem.

Antes da culpa original, para que a vontade se tornasse deficiente, foi preciso que a primeira mulher, seduzida por Satanás, fizesse o seu marido participar da deficiência da própria vontade, mas depois da queda de nossos primeiros pais, muitas vezes o mesmo homem é suficiente para que se torne deficiente a sua vontade, sem que o primitivo tentador o impulsione ao mal.

Este pendor, portanto, ao mal é uma consequência da culpa original, do qual Deus, em sua infinita misericórdia e sabedoria, se serviu para que a criatura racional, decaída do seu primitivo estado, encontrasse um meio seguro para recuperar a sua retidão e graça primordial, mediante a aplicação dos merecimentos de Jesus Cristo, vencendo-se e penitenciando-se.

Se o homem, portanto, descendesse de um Adão confirmado em graça, ele exerceria um pleno domínio sobre si mesmo, e muito embora a sua vontade

permanecesse livre, ele só procuraria realizar o seu ideal em Deus, ainda quando tendesse às criaturas.

Pelo que o seu ideal parcial, longe de contrariar as exigências do seu ideal universal e absoluto, só poderia contribuir para o secundar cada vez mais.

Capítulo VI - Sobre o amor ideal

O amor ideal, máximo, entre pessoas de sexos diferente, é uma quimera com o qual sonham as almas angélicas e que nele pensam que poderão realizar o seu ideal de felicidade.

E neste erro tem caído muitos ingênuos, que se de antemão pudessem se convencer do contrário, mudariam de opinião; porque o amor às criaturas, que se nossos primeiros pais não tivessem pecado, ofereceria todas as vantagens e meios para que o homem amando pudesse aqui na terra iniciar a sua felicidade eterna, tornou-se impossível por causa desta como segunda natureza adicional engendrada pela culpa original.

E se não obstante isto, ainda procuramos realizar o nosso ideal de felicidade no amor às criaturas, é sinal que ele existe, e se por ventura não o conseguimos, é porque procuramos nas criaturas o que somente poderíamos encontrar Deus.

Mas nem por isto havemos de desanimar ou voltarmo-nos contra este sentimento do amor às criaturas; porque, quando bem ordenado, ele é capaz, não só de garantir a nossa felicidade relativa aqui sobre a terra, mas, ainda eterna e absoluta, na vida do além túmulo.

Capítulo VII - Por que as criaturas não podem constituir o nosso ideal supremo

O homem decaído do seu primitivo estado de graça e retidão tornou-se um ser assaz complexo e misterioso. Porque, podendo escolher o objeto adequado à sua perfeita e eterna felicidade, costuma apegar-se a um objeto parcial ou momentâneo, que muito embora, pela própria experiência e a alheia, reconheça que esta muito aquém daquele ideal com o qual ele sonha, não só pela sua perfeição moral, física e intelectual; mas ainda pela incerteza da sua posse tranqüila e durabilidade.

Os objetos momentâneos, ou o bem moral, conquanto possam cobrir a universidade de nossas tendências, não são perduráveis, em vista das imperfeições humanas e inclinação ao mal. Além disto, o ideal pressupõe uma força que nos impele a persegui-lo qualquer que ele seja, ainda que, desviado o homem do caminho do bem ou do mau possa enveredar por caminhos diametralmente opostos. Seguindo-se daqui, que o objeto do seu ideal, poderá muitas vezes contribuir para a felicidade ou ruína tanto espiritual quanto material.

Capítulo IV - Só Deus pode constituir o objeto de nosso ideal adequado

Pelo que temos exposto, segue-se que se alguém procurar o seu ideal fora de Deus, e ainda mais se se voltar contra ele, agirá em sentido contrário à sua felicidade, e, por conseguinte, contra o seu bem estar moral e material; embora, aparentemente, se sinta feliz. Porque, muitas vezes, o ideal parcial, ainda que, em parte satisfaça momentaneamente; pode, não obstante isto, perturbar a harmonia que há entre as partes que compõem o corpo humano, prejudicando-o moral ou fisicamente, como geralmente sucede.

Além disto, o ideal dominante, é como centro para onde convergem todas as nossas energias, tornando-se para o indivíduo como numa espécie de idéia fixa, cujos resultados o converterá em um verdadeiro impulsionado, que em sua marcha, aparentemente triunfante, repelirá para longe de si toda e qualquer idéia ou pensamento; toda e qualquer ação ou prazer ainda que lícito, que por ventura possa opor-se ao seu ideal.

E por outro lado, devido a essa força eletiva que consigo acarreta o ideal, o indivíduo há de assimilar tudo aquilo que de alguma forma, possa concorrer para a realização do seu ideal, ainda que perceba que procede contra a própria consciência ou os ditames da razão.

Pelo que, em tais emergências, é necessário agirmos, inspirando-nos em nossos ideais supremo e infinito, no intuito de garantirmos e completarmos essa felicidade, embora relativa, com a qual sonhamos quando tendemos às criaturas.

Capítulo IX - Deus quer e nos auxilia a conseguirmos nosso ideal supremo e adequado

Admitido que o homem tenha um perfeito conhecimento, pela revelação, dos deveres das criaturas para com o Criador e os seus semelhantes; admitindo que pela própria experiência e a alheia, esteja plenamente convencido que só Deus pode constituir o objeto do seu ideal adequado, e que só a posse do mesmo, pela graça santificante, é uma condição necessária para a garantia da sua felicidade com referência ao seu ideal parcial; é lógico que o procure como um meio para o conseguimento(sic), apuração e conservação do seu ideal supremo e adequado.

E neste caso, não lhe será difícil tender a ele, porque Deus, não só quer; mas além disto, há de o auxiliar a consegui-lo, esclarecendo a sua mente e fortificando a sua vontade de tal forma que, quando de posse da sua graça, se esforçará para conservá-la habitualmente; e, então, as tendências que experimentar, para com o seu ideal supremo, avultará sobre as que ele sentirá para com o objeto do seu ideal parcial, e ser-lhe-á mais fácil viver unido a Deus, do que longe do seu amoroso amplexo. Pois, entre o amor de Deus e o das criaturas, há um ponto de contato, em virtude do qual, amamos as criaturas, porque, primeiramente amamos a Deus, de tal forma que se prescindirmos do amor de Deus, não poderíamos tender às criaturas; porque o que nos inclina a elas são as perfeições infinitas de Deus, as quais ele quis como que fracioná-la de um modo finito nas criaturas, e em virtude das quais, nos sentimos inclinados a amá-las.

Mas se o reflexo nos seduz tanto que muito que não nos arrebatará, aquele foco infinito de onde irradia toda luz que nos ilumina a inteligência e nos aquece o coração. E as aberrações do amor às criaturas são precisamente a causa, pela quais esquecidas de Deus, tendemos em buscar da luz e do calor, sem nos lembrarmos do foco de infinitas perfeições que o produz. Porém, agitado, viverá sempre o nosso coração enquanto nele não repousarmos.

Capítulo - O ideal humano

O ideal do homem, é o ideal dos anjos; porque ele participa da natureza, e ele tem plena consciência disto quando ama e idealiza. Porquanto, se Deus, criando o homem, lhe desse uma alma semelhante a do bruto, ele procuraria o seu ideal nas criaturas e o conseguiria; pois, além do gozo sensível que a posse do objeto desejado o faria experimentar, ele ignoraria o que todo ser inteligente experimenta, quando,

secundando este sentimento inato, procura realizá-lo, não simplesmente pelos sentidos; mas principalmente pela inteligência e o coração.

E é esta circunstância que, elevando o homem acima de todos os seres que habitam a superfície da terra, o transfigura em um anjo revestido da natureza humana; quando, pondo acima das suas tendências às criaturas, o que sente irresistivelmente para com Deus o ama e identifica-se com o seu divino beneplácito.

Preferência, inefável, pela qual ele não terá dificuldade de sacrificar todo e qualquer afeto ou inclinação, se tanto dele o exigir o seu ideal supremo e absoluto. Pois, se o reflexo tanto o reduz e arrebatava; que muito que não lhe há de arrebatá-lo aquele que de alguma forma quis fracionar de um modo finito nas criaturas as suas perfeições infinitas e formosura.

Capítulo VII - Na luta pelo ideal

Na luta pelo ideal é necessário não perdermos de vista o sobrenatural sob pena de cavarmos a nossa ruína, muito embora, aparentemente, nos sintamos felizes, porque nesta matéria, além das aparências enganarem podem ser fatais. E não haverá um meio pelo qual, tendendo ao ideal ou já de posse dele, possamos garantir a nossa felicidade?...

Sim, ele existe. E aí de nós se não existisse; porque passaríamos por este mundo como nuvens impelidas pelo tufão da morte e dos sofrimentos, depois de haveremos flutuado em imenso mar de dores e sinistras cogitações.

E em que consiste este meio?... Consiste em que tenhamos sempre em mente que pelas nossas tendências e aspirações, nós somos anjos revestidos de carne humana; e que, apesar disto, nossas almas estão unidas aos nossos corpos substancialmente e não acidentalmente, e que, por conseguinte o nosso eu é constituído não só pela alma ou pelo corpo, senão pela substância que resulta da união da alma como o corpo, isto é, pelo homem. União, que depois da culpa original, transformou-se moralmente falando, em um contínuo contraste, em que estas duas substâncias se digladiam, tentando suplantar uma a outra, com grandes sofrimentos para o homem, único responsável pelo que se passa consigo e que está ao alcance da fiscalização e do poder moderador e inibidor da sua vontade.

Pelo que, é necessário que nos lembremos de nossa origem, natureza e contingência e procedamos como se realmente fossemos anjos, evitando tudo aquilo que de alguma forma, possa suscitar idéias, tendências e pensamentos contrários aos ditames da razão iluminada pela fé; porque é precisamente este esforço e atividade que constitui a virtude, a qual pressupõe a mortificação e a abnegação, com a qual não poderemos triunfar de nossas paixões e maus instintos.

Bem aventurados, pois aqueles que antes de macularem a branca estola da sua inocência na perseguição ou no gozo de seu ideal relativo, encontram unir meio eficaz para cada vez se elevarem mais ante o conspecto(sic) de Deus.

